

# CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO DO TRIATOMA MACULATA (ERICHSON, 1848) E DO TRIATOMA PSEUDOMACULATA CORREIA E ESPÍNOLA, 1964

(HEMIPTERA, REDUVIIDAE) \*

Archibaldo Bello Galvão \*\*

O reconhecimento das espécies *Triatoma maculata* (Erichson, 1848) e *Triatoma pseudomaculata* (Correia e Espinola, 1964), tem sido e continua sendo objeto de muita controvérsia. Essas espécies foram também confundidas pelo autor durante algum tempo.

Possivelmente, a razão dessa confusão está na precária descrição de certas estruturas dessas espécies, de modo que não se pode ter certeza de sua distribuição no Brasil.

Um estudo comparativo cuidadoso envolvendo ambas as espécies está aqui relatado e concluiu-se que é o *T. pseudomaculata* e não o *T. maculata* que está sendo encontrado nos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal — Brasília.

O autor, levando em consideração o fato de ter confundido espécies tão distintas, como *Triatoma maculata* Erichson, 1848 e o *Triatoma pseudomaculata* Correia e Espinola, 1964 e de que ainda sejam as mesmas confundidas por pesquisadores do Nordeste, apresenta este trabalho que consta dos seguintes tópicos referentes a essas espécies:

- 1) O nome "maculata" nos autores;
- 2) Redescricao do *T. maculata* (Erichson, 1848);
- 3) Seus caracteres somáticos e cromáticos diferenciais;
- 4) Estereofotos totais do macho e da fêmea;
- 5) Microfotografias dos rostros e estruturas componentes das genitálias externas do macho e da fêmea;

6) Mapa de sua distribuição regional e política.

## 1) O NOME "MACULATA" NOS AUTORES

Até a data em que foi publicado o trabalho de Correia e Espinola (5), descrevendo o *Triatoma pseudomaculata*, após estudos comparativos de morfologia externa e de compatibilidade reprodutiva, esta espécie era confundida com o *Triatoma maculata* (Erichson, 1848), tendo sido a descrição desta última espécie baseada em material procedente do Suriname (Guiana Holandesa), conforme declara Stoll (14), que a descreve pela primeira vez.

Os estudos de Correia e Espinola, segundo estes autores, foram realizados com espécimes provenientes de Sobral (Ceará)

\* Trabalho do Laboratório de Biologia e Controle de Insetos (dirigido pela Dr. Alina P. Szumlewicz) do Núcleo Central de Pesquisas em Jacarepaguá, INERu, FIOCRUZ. Feito com a ajuda financeira do Conselho Nacional de Pesquisas.

\*\* Pesquisador em Zoologia da SUCAM.

Recebido para publicação em 20.8.73.

e de Boa Vista e Iranduíque (Território de Roraima).

Em 1967, encontrando Barretto (4) a espécie de Correia e Espínola, em Goiás, opinou sobre a mesma da seguinte maneira:

“Não queremos entrar em maiores discussões sobre o *status* do triatomíneo em tela, mas, a julgar pelos resultados dos cruzamentos obtidos por Correia e Espínola (12), é possível que o *pseudomaculata* seja uma subespécie de *T. maculata*. Seja como for, é esta a primeira vez que se encontra o triatomíneo em biótopos naturais no Brasil. Acontece, então, com o *pseudomaculata* fato semelhante ao que foi observado por Torrealba e Díaz Vásquez na Venezuela, com o *maculata*”.

Em 1969, A. B. Galvão e A. L. M. Carvalho (7), não tendo visto ainda a forma do Suriname que Correia e Espínola estudaram, foram ainda mais radicais que Barretto, quando consideraram espécimes de *pseudomaculata* encontrados em Goiás, como sinônimo do *maculata* de Erichson. Verificaram, nesta oportunidade, que os desenhos dos parâmeros e processo mediano do pigóforo, dados por Correia e Espínola para o *pseudomaculata*, não concordavam inteiramente com essas estruturas encontradas nos espécimes de Goiás, as quais se aproximavam mais dos desenhos dos referidos autores dados para o *maculata* (Erichson, 1848). Por outro lado, cumpre lembrar que, muito depois da descrição do *pseudomaculata*, Barretto (3) não tinha ainda conhecimento do trabalho de Correia e Espínola, pois não consta da bibliografia do referido trabalho desse autor.

Mas, se o reconhecimento do *pseudomaculata* como forma independente do *maculata* já é admitida no sul do país, o mesmo não se verifica no Nordeste, onde pesquisadores como Lucena (9), Sherlock e Guitton (12), Dobbin e Cruz (6) e Alencar (1), continuam a denominar a forma ali ocorrente como *maculata* (Erichson, 1848).

Recentemente, porém, Sherlock e Serafim (13) já se referem ao *pseudomaculata*, o que fazem, entretanto, nos seguintes termos:

“Neste Estado temos exemplares dessa espécie com aspectos morfológicos variáveis.

Os nossos estudos ainda não concluíram tratar-se realmente de uma ou de mais es-

pécies ou de quais espécies essas variedades seriam.

Não mais foi possível determinarmos qual o tipo de “*maculata*” que ocorria em determinada localidade, pois, anteriormente, as variações morfológicas não eram por nós levadas em consideração. Por isso, esses tipos variáveis de hemíptero serão todos designados neste trabalho como *Triatoma maculata* (Erichson, 1848)”.

Embora fazendo alusão ao *pseudomaculata* e às variedades observadas, Sherlock e Serafim ainda não admitem esta espécie como componente da fauna triatomínica do Estado da Bahia, pois consideram o *maculata* (Erichson, 1848) como a espécie vigente naquela área.

Almeida (2) em trabalho sem data, mas recente — como se pode verificar pelas citações, referindo-se ao *maculata* (Erichson, 1848) diz o seguinte: “As incriminações a esta última espécie no Brasil, são na verdade, concorrentes a *T. pseudomaculata* Correia e Espínola, 1964, barbeiro do Nordeste, outrora identificado como *T. maculata*, que em nosso país só foi encontrado no Território de Roraima. (Correia e Espínola, 1964)”.

Na verdade, o *pseudomaculata* não ocorre somente na Região Nordeste, como diz Almeida, mas é encontrado também na Região Sudeste (Minas Gerais) e Centro-Oeste (Goiás). Ademais, continua sendo identificado como *T. maculata*, conforme demonstra o que transcrevemos acima. Parece, entretanto, que a mais ampla e densa distribuição do *pseudomaculata* se dá na Região Nordeste.

A descrição do atual *maculata* (Erichson, 1848) foi feita por Stoll no seu trabalho bilíngue já citado. Ao contrário do excelente desenho que apresenta de “*La punaise mouche bigarrée*”, como denominou a forma em questão, a descrição do naturalista holandês parece, à primeira vista, bastante problemática, de vez que, entre outros caracteres, dá o seguinte: “*La trompe est courte, arquée...*” O vocábulo “*arquée*” tanto poderia significar “*arqueado*” como “*dobrado*”, acepções completamente diferentes, em se tratando de um problema taxinômico dentro do ordem *Hemiptera*.

Acontece que o desenho de “*La punaise mouche bigarrée*” não mostra o rosto, como em desenhos de outros espécimes di-

ferentes, onde essa estrutura é nitidamente curva; mas, na descrição desses espécimes, emprega Stoll o vocábulo "recourbé", e que não deixa dúvida quanto à significação do vocábulo "arquée" com que qualifica o rostro do atual *maculata* (Erichson, 1848), ainda que não tivesse dado à "forma do rostro" o valor taxinômico que só 45 anos mais tarde lhe daria Laporte (8).

Quanto à autoria da espécie, deveu-a Erichson não só ao fato de tê-la denominado segundo as regras nomenclaturais vigentes, como também por havê-la incluído no gênero *Conorhinus* Laporte, pelo qual Laporte substituiu seu gênero *Triatoma* hoje prevalecente, o qual foi baseado em outros caracteres válidos como "Rostrum rectum", mas invalidado pelo próprio autor por conter, devido a um equívoco de observação, o caráter "Antennae articulis 3".

É verdade, que, no gênero *Conorhinus*, Walker (17) colocou sua espécie *arenarius*, de Santarém (Pará), que nos parece um piratíneo — portanto, de rostro curvo — e que Walker descreveu assim: "Prothorax... fore lobe much longer than the hind lobe... fore femur incrassate". Neiva, entretanto, não a encontrou no British Museum; concordando com Distant, acha que se deve considerá-la inexistente.

Não é difícil concluir a diversidade de critérios que imperava entre os mais antigos taxinomistas, condição determinada pelas diferentes disponibilidades e capacidade de observação do material entomológico; dificuldade ou ausência de intercâmbio entre os pesquisadores, e, como decorrência desses fatores, pela falta de unanimidade entre os mesmos, no arranjo sistemático dos diversos grupos como, em menor grau, ainda ocorre hoje.

Como quer que fosse, no que tange ao *T. maculata* (Erichson, 1848), o "nome" como a "forma" criaram raízes, mormente após o trabalho de Correia e Espinola, descrevendo o *pseudomaculata* e constatando a presença da espécie de Erichson em limitada área do Brasil.

Parece ter sido Neiva (10) o primeiro a admitir o *T. maculata* (Erichson, 1848) em nosso país.

Vale a pena transcrever o que diz Arthur Neiva, pioneiro nos estudos hemipterológicos no Brasil:

"Pátria: Guiana Inglesa, Brasil, Venezuela.

Estudamos o tipo que se acha no Museu de Berlim, ainda em bom estado de conservação. É uma espécie que apresenta algumas variações, não só no colorido geral, como também nas manchas do conexivo, as quais são ora de largura uniforme ora apresentando as manchas ocráceas mais largas; outros exemplares apresentam as manchas negras estreitando-se ao atingir os bordos do conexivo.

Encontramos esta espécie não raramente freqüentando as habitações de 3 Estados do Brasil Central".

Como se vê, Neiva, estudando não só o "tipo" como "outros exemplares", observou "variações não só no colorido geral, como também nas manchas do conexivo, as quais são "de largura uniforme..." Realmente, o *maculata* é mais claro, enquanto o *pseudomaculata* é mais escuro e, nesta espécie, as manchas negras conexivais são de largura uniforme. Por outro lado, "as manchas ocráceas mais largas" e "as manchas negras estreitando-se ao atingir os bordos do conexivo" são caracteres que se enquadram na definição do *maculata* de Erichson.

Quanto à distribuição geográfica, Neiva indica a Guiana Inglesa, o que se não tem confirmação, parece até mesmo mais provável do que o Surinãme, pois que se acha mais próxima da área em que se tem com freqüência encontrado esta espécie, isto é, Venezuela, Roraima (Brasil) e Colômbia. Esta última indicação foi confirmada por informação epistolar do Dr. Lauro Travassos Filho, do Instituto Butantan (16).

A especificação "3 Estados do Brasil Central" e a mistura de caracteres cromáticos das espécies em causa, revelam a origem da indeterminação que se prolongou, por tantos anos, de duas formas bem distintas. Indeterminação que perdurou e ainda perdura, nas listas de distribuição geográfica de não poucos pesquisadores.

De tudo o que dissemos sobre esta espécie, forçoso é transcrevermos as palavras de Correia e Espinola no trabalho em que descreveram o *pseudomaculata*, separando-o do verdadeiro *maculata*: "Erichson considera a espécie como sendo de Stoll, mas logo abaixo a descreve como nova, com o nome de *lutulentus*. De qualquer maneira, julgamos que o *Conorhinus maculatus* deva prevalecer com o nome atual de *Triatoma maculata*."

Infelizmente, não nos foi possível consultar o volume III do trabalho de Schomburgh, de onde Correia e Espinola transcrevem os dizeres de Erichson. Tíhamos conhecimento de "*lutulentus*" através dos trabalhos de Walker e de Neiva e Lent (11), como *sinônimo* do *Panstrongylus geniculatus* (Latreille, 1811) e não de *maculata* como consideram os autores citados.

Quanto a nós, compreende-se que o engano em que incorremos, confundindo formas tão distintas, e a ainda existente alienação de trabalho tão importante, não só sob o ponto de vista taxinômico, como conseqüentemente epidemiológico, são fatos que nos levam a apresentar este trabalho.

Não queremos, porém, encerrar as considerações preliminares acima, sem transcrever o que dizem Torrealba e Vásquez (15) a respeito da espécie em causa, no trabalho citado por Barretto:

"En esta breve publicación, nos vamos a referir a la localización de focos e criaderos extra-domesticos de *Eutriatoma maculata* (Erichson, 1848) Pinto, 1931. Triatomídeo que no tiene en Venezuela la importancia del *Rhodnius prolixus* (Stal, 1859), pero que, a pesar de esto, es uno de los vectores del mal en el país, por su abundancia en las viviendas rurales de muchos Estados, y por haberse encontrado en infección natural por *S. cruzi*, y que en algunas regiones es considerado como el principal vector, como ocurre en las costas del Estado Falcón."

## 2) DESCRIÇÃO DO "MACULATA" (ERICHSON, 1848)

Colorido geral pardo escuro, com áreas claras extensas. Cabeça mais clara no dorso com 1+1 áreas claras falciformes, desde as gulas até os cômoros ocelares e 1+1 áreas claras pequenas, arredondadas, próximas aos mencionados cômoros e para fora das bases das áreas falciformes; genas ultrapassando o clipeo; julgas mais ou menos desenvolvidas e recobertas, como a porção central da cabeça entre os olhos, por uma área mais estreita; 1º segmento antenal revestido de pelos dourados diminutos e não atingindo o ápice da cabeça; 2º segmento, revestido de pelos claros pouco mais nítidos que os do 1º, cerca de 6 vezes maior que o 1º e aproximadamente do mesmo diâmetro; 3º e 4º segmentos, faltando nos espécimes estudados. Olhos

grandes, localizados mais para a face ventral, espaço interocular dorsal cerca de 3 vezes maior que o espaço interocelar; cabeça, vista pelo dorso, ultrapassando, nos limites externos dos olhos, o espaço entre o ápice dos ângulos ântero-externos do colarinho; espaço interocular ventral tão largo quanto a largura do 2º segmento do rostro; rostro de colorido castanho escuro uniforme; 1º segmento atingindo o ápice dos tubérculos anteníferos; 2º segmento ultrapassando levemente a margem posterior dos olhos; 3º segmento atingindo a metade do sulco prosternal e revestido de pelos abundantes e longos; pescoço com 1+1 áreas claras laterais; tórax: ângulos ântero-externos de colarinho como duas garras de base dilatada e ápice mais afilado e recurvando-se para dentro, quase totalmente claros, exceto na porção interna basal que é escura como o restante do colarinho. Pronoto de margens e lobos bem recortados, o lobo posterior emarginado; lobo anterior dividido em duas bostas separadas pelo sulco mediano longitudinal; 1+1 tubérculos disciais claros, a área clara divergindo para a frente, 1+1 tubérculos marginais claros. Lobo posterior com 1+1 carenas submedianas nítidas. Tegumento entre as carenas enrugado transversalmente, mas fora delas o enrugamento se apresenta em várias direções; 1+1 manchas claras arredondadas, fora das carenas e logo atrás do lobo anterior; na margem posterior do lobo posterior, 2+2 áreas claras mais ou menos circulares; 1+1 entre as carenas submedianas e 1+1 nos ângulos posteriores do lobo posterior. Propleuras com nítida mancha clara na porção posterior do escudo, outra mancha clara na porção posterior da mesopleura. Esterno com nítido sulco prosternal no escudo; no mesosterno, um pequeno tubérculo em barra transversal. Depressão escutelar cordiforme, de tegumento enrugado, principalmente na porção posterior; bordos da base do escutelo levemente ondulados sem apresentarem tubérculos; processo escutelar alongado com leves enrugamentos transversais, mas paralelo à face dorsal do abdome. Hemi-élitros predominantemente claros com nervuras salientes e áreas mais ou menos definidas na margem do cório, não atingindo o pigídio nas fêmeas; nos machos, quase alcançando a extremidade livre do abdome. Pernas, pardo-escuras, os tarsos, de tona-

lidade mais clara com duas garras não apendiculadas; pernas anteriores, implantadas em acetábulo mais aproximado que nas outras pernas; fêmures anteriores e médios apresentando 1+1 espinhos nítidos sub-apicais na face interna; fêmures posteriores, com ligeira elevação na região dos espinhos sub-apicais, sem apresentá-los entretanto.

Abdome dorsal com o conexivo normalmente expandido. A área escura intersegmentar menor que a área clara e afilando-se para a margem externa. Abdome ventral quase totalmente escuro, exceto as áreas claras do conexivo que são semicirculares, como as dorsais.

Material em que foi baseada a redescricao: 1 macho e 3 fêmeas.

Procedência do material estudado: V. Pereira, Surumu, Município de Boa Vista, Território de Roraima, Brasil.

Topótipo: Suriname (Guiana Holandesa).

Distribuição Geográfica: Suriname, Guiana Inglesa (?), Brasil, (Roraima), Venezuela, Colômbia.

*TRIATOMA PSEUDOMACULATA* CORREIA E ESPÍNOLA, 1964

Topótipo — Sobral, Ceará.

Distribuição geográfica — Região Nordeste (Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia), Região Sudeste (Minas Gerais), Região Centro-Oeste (Goiás) e Distrito Federal (Fig. 7).

Os exemplares desta espécie que serviram para o estudo comparativo com o *T. maculata* (Erichson, 1848) foram retirados da colônia do Laboratório de Biologia e Controle de Insetos, em Jacarepaguá, onde a espécie é mantida, há cerca de 3 anos, e cujo estoque original foi capturado no Estado de Pernambuco.

3 — CARACTERES SOMÁTICOS E CROMÁTICOS DIFERENCIAIS

Localização	<i>T. maculata</i>	<i>T. pseudomaculata</i>
Colorido geral (Fig. 1)	pardo escuro com áreas claras mais extensas e em maior número	pardo escuro com áreas claras reduzidas e em menor número
Face dorsal da cabeça (Fig. 1)	com áreas claras extensas	sem áreas claras
Rostro (Fig. 2)	mais comprido; segmento basal e médio maiores; o distal com pelos mais numerosos e mais longos	menor, segmento basal e médio menores; o distal com pelos mais curtos e em menor número
Ângulos ântero-externo do colarinho (Fig. 1)	desenvolvidos, como duas garras predominantemente claras de ápice afilado e atingindo o limite posterior dos ocelos.	menos desenvolvidos, cilíndricos, mais escuros, o ápice rombo, em ângulo aberto.
Pronoto (Fig. 1)	com 4+4 áreas claras mais extensas; 2+2 áreas claras menores.	3+3 áreas claras mais extensas; 1+1 áreas claras menores.

Escutelo (Fig. 1)	processo mais longo que a base; adelgaçando-se para o ápice.	processo aproximadamente do mesmo comprimento da base, esta com 1+1 tubérculos nos bordos pósterolaterais.
Pleuras	com 2 áreas claras; uma na propleura e outra na mesopleura.	com 1 única área clara na propleura.
Hemiélitros (Fig. 1)	predominantemente claros.	predominantemente escuros.
Conexivo (Fig. 1)	áreas claras, relativamente extensas; áreas escuras estreitando-se para o bordo externo.	áreas claras, menos extensas, áreas escuras, de largura uniforme.

Genitália externa  
(Fig. 3, 4, 5, 6)

Macho — mais volumosa; *parâmeros*, dobrando-se para o ápice, este com cabeça desenvolvida, não apresentando entalhe no perfil; *processo mediano do pigóforo*, mais curto, de ápice rombo, a base reduzida; "*phallus*" — bem maior, com o processo do endosoma melânico, com pregas laterais mais ou menos paralelas e sem dentes.  
Fêmea — 9º e 10º tergitos predominantemente escuros; 9º tergito com 1+1 áreas claras laterais, 10º tergito com área clara limitada ao ápice; *gonocóxitos* do 9º segmento de ápice mais largo com pelos mais curtos; *gonapófises* do 9º segmento mais largas em todo o comprimento, o espinho apical mais curto e de ápice rombo; *gonapófises*, do 8º segmento de largura uniforme, exceto o ápice onde há um nítido prolongamento interno; *gonocóxitos* do 8º segmento, de tonalidade mais clara, retangulares, o eixo transversal maior que o longitudinal.

Macho — bem mais reduzida; *parâmeros*, nitidamente arqueado, a cabeça pouco diferenciada e com nítido entalhe anterior visto de perfil; *processo mediano do pigóforo* mais comprido de ápice mais afilado, a base mais alta e mais ampla; "*phallus*" — bem menor com o processo de endosoma claro, com dentes nítidos, as pregas irregularmente dispostas.  
Fêmea — 9º e 10º tergitos com áreas claras centrais extensas; 9º tergito com área clara, retangular que se liga à área do 10º tergito e estendendo-se à quase todo o segmento; *gonocóxitos* do 9º segmento mais estreitos, afilando-se para o ápice, os pelos do ápice mais longos; *gonapófises* do 9º segmento afilando-se para o ápice, o espinho apical mais longo e de ápice mais agudo; *gonapófises* do 8º segmento estreitando-se para o ápice que é rombo; *gonocóxitos* do 8º segmento, de tonalidade mais escura, o eixo transversal de comprimento aproximadamente igual ao longitudinal.

## MEDIDAS

	<i>T. maculata</i>	<i>T. pseudo-maculata</i>
<i>Comprimento total:</i> .....	21,5 mm	20 mm
<i>Cabeça:</i> .....	4 mm	2,75 mm
largura máxima: .....	2 mm	1,75 mm
(inclusive os olhos)		
largura entre os olhos: .....	1,5 mm	1 mm
comprimento do rosto: .....	4,25 mm	3,75 mm
1º segmento: .....	1 mm	0,75 mm
2º segmento: .....	2,25 mm	2 mm
3º segmento: .....	1 mm	1 mm
região anteocular: .....	2 mm	1,75 mm
região pós-ocular: .....	0,5 mm	0,5 mm
<i>Pescoço:</i> .....	0,5 mm	0,5 mm
<i>Tórax:</i> .....	6,5 mm	5 mm
(colarinho+ pronoto+ escutelo)		
pronoto (maior largura): .....	5,5 mm	4,5 mm
escutelo: .....	2,5 mm	2 mm
processo do escutelo: .....	1,5 mm	1 mm
hemi-élitro: .....	13,5 mm	11 mm
<i>Abdome:</i> .....	12 mm	10 mm
maior largura: .....	7 mm	6,25 mm

## AGRADECIMENTOS

A Pesquisadora em Zoologia, Neide Guitton, pela assistência técnica; ao Pesquisador em Zoologia, João Barreto Gusmão,

pela cessão dos espécimes de *Triatoma maculata* (Erichson, 1848), capturados em Surumu, Território de Roraima e ao Técnico de Laboratório, Hermenegildo N. da Cruz, pelas estereofotos e microfotografias.

## SUMMARY

*The recognition of the species Triatoma maculata (Erichson, 1848) and Triatoma pseudomaculata (Correia e Espinola, 1964) has been and continues to be a subject of much disagreement. These species were also confused for some time by the author.*

*Possibly, the reason for this confusion lies in the poor description of certain structures of these species, that one could not be certain about their distribution in Brazil.*

*A careful comparative study involving both species is herein reported and it is concluded that it is T. pseudomaculata and not T. maculata that is being found in the States of Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Goiás and in the Federal District — Brasília.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALENCAR, J. E. — Estudos sobre a epidemiologia da doença de Chagas no Ceará. Rev. Brasil. Malariol. D. Trop., 17: 149-158, 1965.
2. ALMEIDA, F. B. — Triatomíneos da Amazônia — Encontro de três espécies naturalmente infectados por *Trypanosoma* semelhante ao cruzi, no Estado do Amazonas (Hemiptera, Reduviidae). Fasc. V — Patologia Tropical. Acta Amazônica, 1: 89-93, s/data.
3. BARRETTO, M. P. — Estudos sobre reservatórios e vetores silvestres do *Trypanosoma cruzi*. XVII. Rev. Soc. Bras. Med. Trop. 1: 23-36, 1967.
4. BARRETTO, M. P. — Estudos sobre reservatórios e vetores silvestres do *Trypanosoma cruzi*. XIX. Rev. Inst. Med. Trop. São Paulo, 9: 313-320, 1967.
5. CORREIA, R. R. & ESPÍNOLA, H. N. — Descrição de *Triatoma pseudomaculata*, nova espécie de Triatomíneo de Sobral, Ceará. Arq. Hig. Saúde publ., 29: 115-127, 1964.
6. DOBBIN, J. E. Jr. & CRUZ, A. E. — Alguns informes sobre triatomíneos de Pernambuco. Rev. Bras. Malariol. D. Trop., 18: 261-267, 1966.
7. GALVÃO, A. B. & CARVALHO, A. L. M. — *Triatoma maculata* (Erichson, 1848), uma espécie ocorrente em Goiás (Triatominae, Reduviidae). Rev. Bras. Malariol. D. Trop., 21, 1969.
8. LAPORTE, L. F. De — Essai d'une classification systematique de l'ordre des hemipteres. In Magasin de Zoologie publié par F. E. Guerin Deuxième année. 1833.
9. LUCENA, D. T. — Estudos sobre a doença de Chagas no Nordeste do Brasil. Rev. Bras. Malariol. D. Trop. 22: 3-173, 1970.
10. NEIVA, A. — "Revisão do gênero *Triatoma*". 80 pp. 1914. Rio de Janeiro: Rodrigues e Comp.
11. NEIVA, A. & LENT, H. — Notas e comentários sobre triatomídeos. Lista de espécies e sua distribuição geográfica. Rev. Ent., vol. 6, fasc. 2, julho, 1936.
12. SHERLOCK, I. A. & GUITTON, N. — Sobre o *Triatoma Petrochii* Pinto e Barretto, 1925. Rev. Bras. Malariol. D. Trop., 19: 625-630, 1967.
13. SHERLOCK, I. A. & SERAFIM, E. M. — Fauna *Triatominae* do Estado da Bahia. I — As espécies e Distribuição Geográfica. Rev. Soc. Bras. Med. Trop., 6: 265-288, 1972.
14. STOLL, G. — Representation exactement colorée d'après nature de cigales et des punaises que se trouvent dans les quatres parties du monde, l'Europe, l'Asie, l'Afrique et l'Amérique — Amsterdam, Jan Christian Sepp ed., 124 + 172 pp. 29 + 141 Figs., 1788.
15. TORREALBA, J. F. & VASQUEZ, A. D. — Una pequeña contribución al Estudio de Focos Extradomesticos de Triatomídeos Tramissores de la Enfermedad de Chagas en Venezuela. Gc. Med. Julio-Septbre. 1953.
16. TRAVASSOS FILHO, L. P. — Carta de São Paulo, 6 de abril de 1973.
17. WALKER, F. — Catalogue of the specimens of *Hemiptera Heteroptera* in collection of the British Museum. London, 1873.



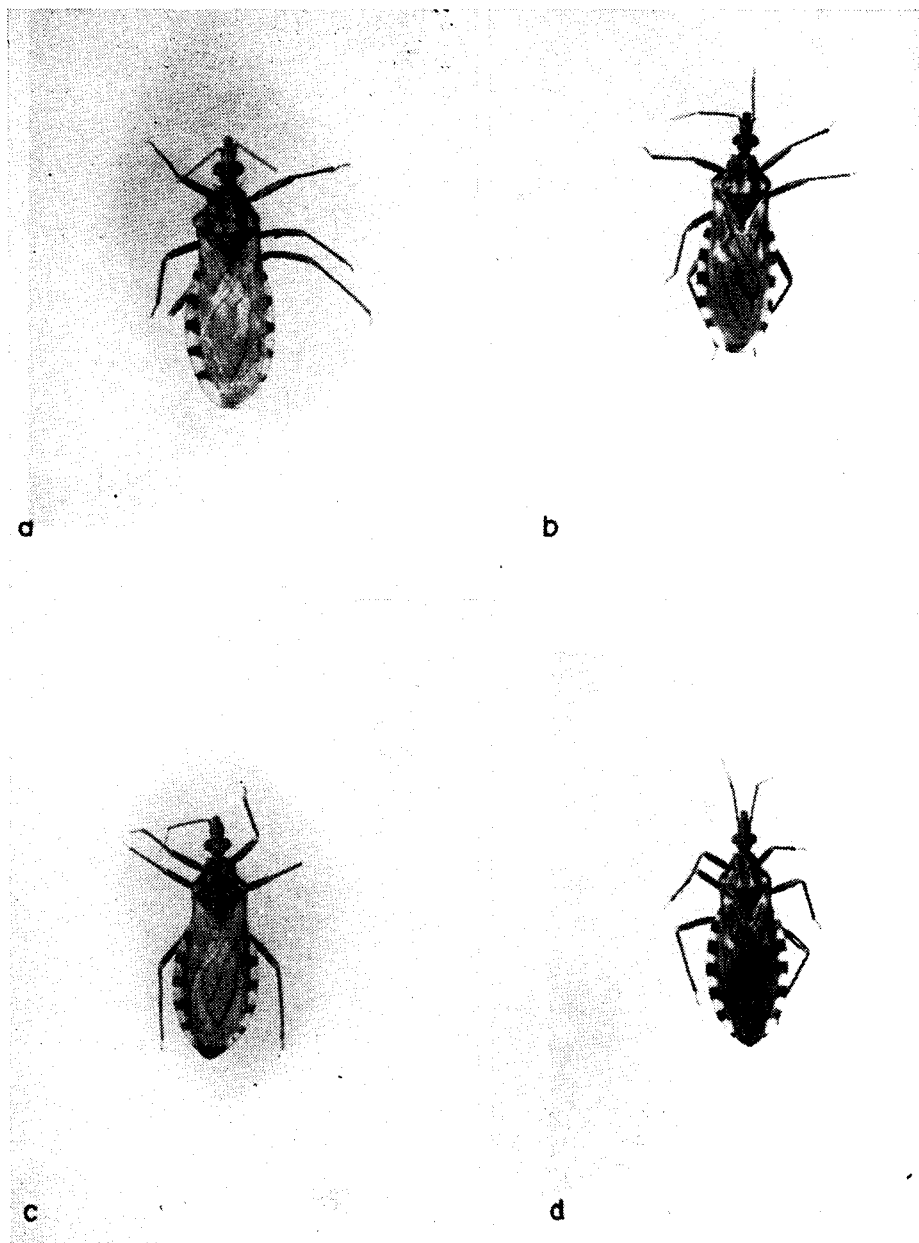


Fig. 1 — macho: a, *T. maculata*; b, *T. pseudomaculata*;  
fêmea: c, *T. maculata*; d, *T. pseudomaculata*. (x20)

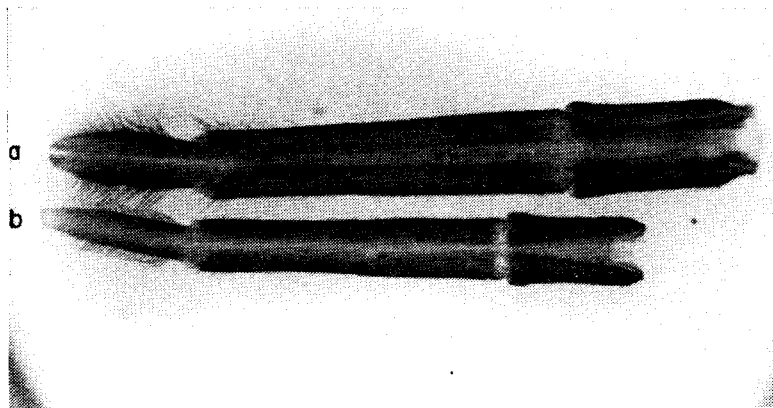


Fig. 2 — rectro: a, *T. maculata*; b, *T. pseudomaculata*. (x20)

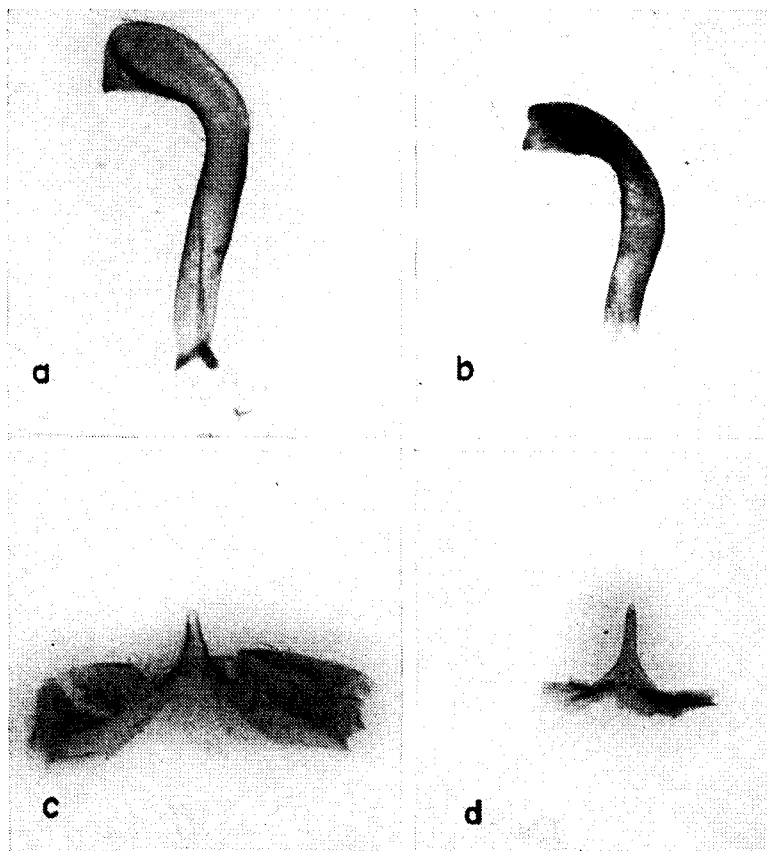


Fig. 3 — parâmeros: a, *T. maculata*; b, *T. pseudomaculata*; processo mediano do pigóforo: c, *T. maculata*; d, *T. pseudomaculata*. (x20)



Fig. 4 — "phallus": a, *T. maculata*; b, *T. pseudomaculata*; processo do endosoma: c, *T. maculata*; d, *T. pseudomaculata*. (x50) (as demais, (x20).

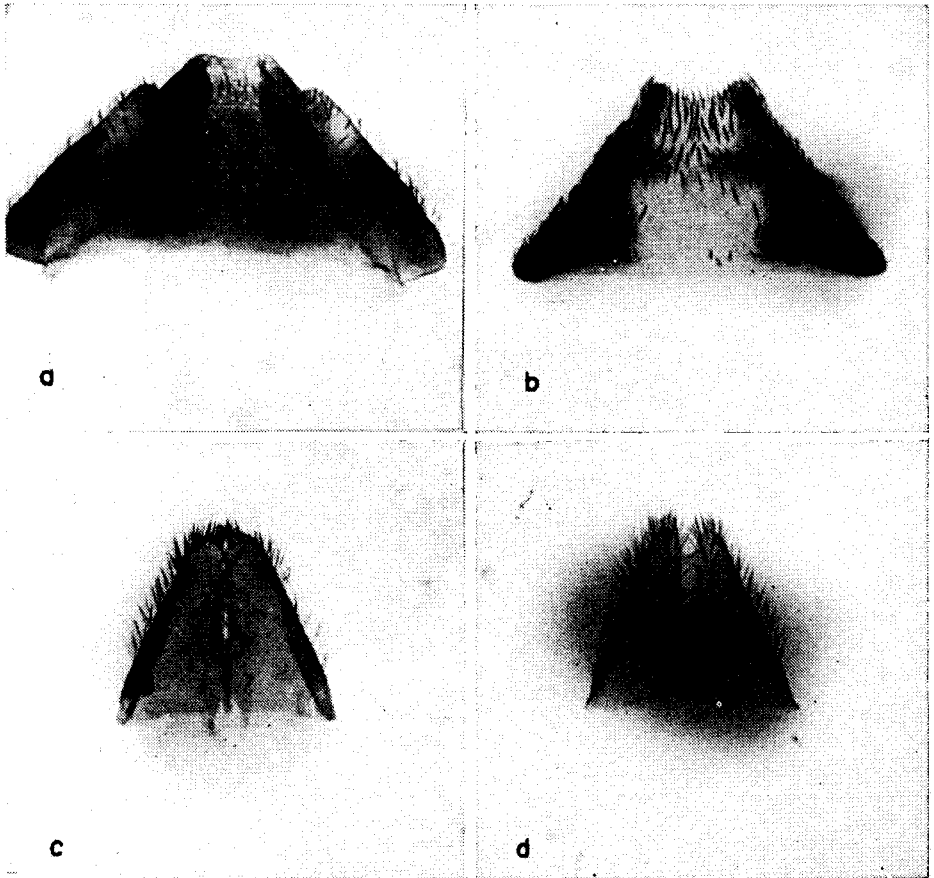


Fig. 5 — 9º e 10º tergitos da fêmea: a, *T. maculata*; b, *T. pseudomaculata*, gonocoxitos do 9º segmento: c, *T. maculata*; d, *T. pseudomaculata*. (x20).

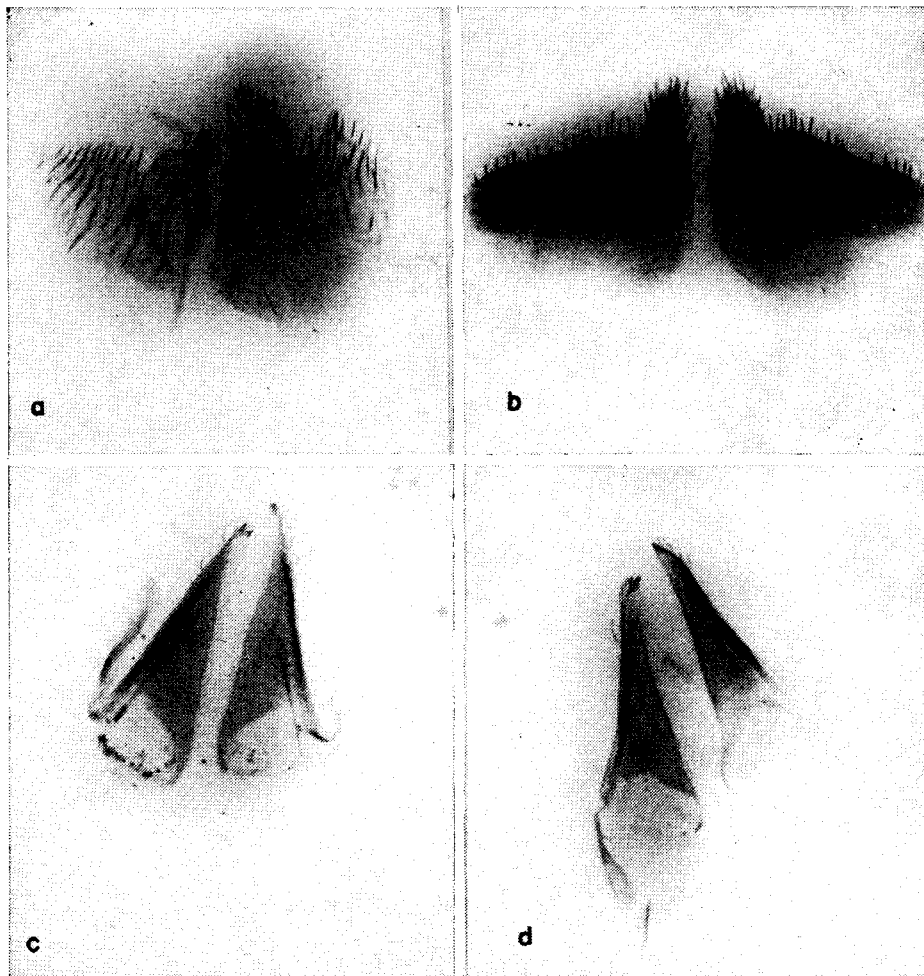


Fig. 6 — gonocoxitos e gonapófises do 8º segmento: a, *T. maculata*; b, *T. pseudomaculata*; gonapófises do 9º segmento: c, *T. maculata*; d, *T. pseudomaculata*. (x20).

Distribuição Regional e Política do  
Triatoma maculata (Erichson, 1848) e  
Triatoma pseudomaculata Correia e  
 Spinola, 1964



Fig. 7 — Mapa da distribuição regional e política de ambas as espécies.